



# O bolsonarismo e o fim do mundo

Patrícia da Silva Santos

Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, Rua Augusto Corrêa, 1, 66075-110, Belém, Pará, Brasil. E-mail: patricia215@gmail.com

**RESUMO.** O teor bélico do discurso veiculado pelo bolsonarismo tem sido destacado em diversas abordagens. Nesse texto, argumento que esse belicismo tem também um componente autodestrutivo, atualizando um elemento destacado por diferentes analistas de movimentos radicais de direita. A partir de discursos veiculados por bolsonaristas em canais de youtube de grande audiência, pretendo tentar compreender aspectos sociopsíquicos das ‘fantasias de fim do mundo’ (Theodor Adorno) inerentes ao bolsonarismo. Os resultados indicam que o ressentimento autoritário surge em um contexto neoliberal de sociedade, que deixa a antecipação do terror como única alternativa para alguns grupos sociais – mesmo quando ela implica autossacrifício.

**Palavras-chaves:** bolsonarismo; fim do mundo; catastrofismo; neoliberalismo; ressentimento autoritário.

## The bolsonarism and the end of the world

**ABSTRACT.** The warlike content of the discourse conveyed by bolsonarism has been highlighted in several approaches. In this text, I argue that this warmongering has also a self-destructive component, updating an element underlined by different analysts of radical right-wing movements. Based on speeches broadcast by bolsonarists on youtube channels of large audience, I intend to try to understand socialpsychic aspects of the ‘end of the world fantasies’ (Theodor Adorno) inherent to bolsonarism. The results indicate that authoritarian resentment arises in a neoliberal context of society, which leaves the ‘anticipation of terror’ as the only alternative for some social groups – even when it implies self-sacrifice.

**Keywords:** bolsonarism, end of the world, catastrophism; neoliberalism; authoritarian resentment.

Received on May 15, 2023.  
Accepted on August 4, 2023.

## Introdução<sup>1</sup>

Entre os youtubers bolsonaristas, a imagem de que estaríamos em guerra é predominante. Há uma excitação em torno dessa ideia, que conchama ao engajamento contínuo. Tudo é posto em um movimento ininterrupto de destruição que, embora esteja voltado explicitamente ao aniquilamento do inimigo, no fim das contas, adquire também um caráter implicitamente autoimolador.

A retórica bélica desses influenciadores geralmente se apresenta em três tempos, embora nem sempre integrados em um mesmo discurso. Inicialmente, ela anuncia as terríveis ameaças: “[...] esta é uma ideia de um grupo que quer se perpetuar no poder, mas pra isso precisa destruir a família, precisa destruir a religião [...]” (Papo conservador com Gustavo Gayer, 2020); “[...] o que você não sabe é que se votar neles, será um eterno pesadelo [...]” (Canal Hipócritas, 2022). Em um segundo momento, há uma acusação dirigida às pessoas conservadoras, segundo a qual elas não se organizariam para combater essas guerras: “[...] quando a gente ignora que existe um inimigo, a gente perde essa guerra” (Canal Oitava Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte, 2022); “[...] Como que tá [sic] as pessoas em volta de você? Você influencia ou é influenciado. E sabe o que tem acontecido? O mundo tem influenciado muito mais você do que o contrário. E aí você defende a deus, mas quando tem que entrar numa briga por ele, você é omissos [...]” (Canal Nikolas Ferreira, 2021). Por fim, aparece uma conchamação enfática e aberta à atuação na guerra: “Deus é o senhor dos exércitos [...]” (Canal Oitava Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte, 2022); “[...] fazer o resgate do país das mãos tirânicas da esquerda” (Canal Lights, 2021).

<sup>1</sup> Agradeço ao *Deutscher Akademischer Austauschdienst* [Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD)] pela concessão da bolsa de três meses que subsidiou a realização dessa pesquisa.

Como se vê por esses trechos, alguns dos principais temas dos discursos se referem a questões religiosas, mas envolvem também pautas identitárias, educacionais e a infância. Essas temáticas, que possuem grande aderência social, costumam ser contempladas por uma retórica do tudo ou nada, da danação ou salvação.

Pesquisadoras e pesquisadores têm reconhecido na ascensão da extrema direita um fortalecimento de contrapúblicos não-subalternos, que sustentam identidades, discursos e interesses conflitivos em relação ao horizonte cultural dominante (Rocha, 2018); o surgimento de um populismo digital (Cesarino, 2020); a radicalização de uma guerra cultural cujo objetivo é a aniquilação, ao menos simbólica, do inimigo (Rocha, 2021). Para além disso, com base em discursos como os presentes nos trechos acima, retirados de influenciadores da extrema direita que atuam no youtube, gostaria de discorrer sobre um aspecto do bolsonarismo associado àquilo que Theodor Adorno denominou de “[...] antecipação do terror [...]” ou de “[...] fantasias de fim de mundo” (Adorno, 2019, p. 19-20). Em pesquisas empíricas com canais de youtube bolsonaristas realizadas entre 2020 e 2023, esse elemento teve enorme destaque. Seja durante a pandemia de covid-19, seja no que se refere aos valores religiosos ou da família tradicional, seja no que tange a aspectos relacionados ao meio ambiente (como no caso do negacionismo climático, por exemplo), é muito recorrente a presença de uma adesão ao catastrófico na ideologia bolsonarista. Esse elemento aparece de maneira implicitamente ambígua: ao mesmo tempo em que a catástrofe é apresentada como resultado de forças terríveis que se abatem sobre a sociedade brasileira, é possível perceber uma tendência a antecipá-la, como se a destruição generalizada, não só dos inimigos, fosse a única alternativa possível – o que, muitas vezes, é feito de maneira festiva. Nisso, uma paranoia coletiva, que deságua em momentos de megalomania social, parece predominar no horizonte bolsonarista.

Na reflexão que segue, busco organizar alguns desses achados empíricos em diálogo com debates teóricos relacionados ao radicalismo de direita e ao fascismo histórico. A hipótese que percorre a reflexão se ancora em perspectiva aventada por Theodor Adorno, de acordo com a qual as ‘fantasias de declínio/fim do mundo’ são típicas de grupos sociais que não se sentem incluídos no ‘sistema’, mas ao mesmo tempo não almejam a transformação social. A esses grupos resta ‘antecipar o terror’:

A quem não vê nada diante de si e a quem não quer a transformação da base social não sobra absolutamente mais nada do que dizer, como o Wotan de Richard Wagner: ‘Sabe o que Wotan quer? O fim’ – A partir de sua própria situação social, ele quer o declínio [*Untergang*]. Ele não quer só a destruição do próprio grupo, mas sim, se possível, a destruição do todo (Adorno, 2019, p. 20).

Durante a discussão, com base em exemplos, busco interpretar esse processo destacando traços que estão especificamente associados a aspectos presentes na cultura brasileira, especialmente às religiões neopentecostais e ao modelo heteronormativo e patriarcal de família.

Os canais de youtube interpelados no decorrer do artigo foram acompanhados sistematicamente durante um período de mais ou menos dois anos e meio, entre março de 2020 e novembro de 2022. Alguns foram selecionados a partir de um GPS-ideológico publicado pelo jornal *Folha de São Paulo* (Mariani & Takahashi, 2019), outros foram sendo agregados a partir de indicações dos próprios influenciados de extrema direita. Nesse período, foram acompanhados por volta de 34 canais, com ao menos mais de 100.000 inscritos cada, sendo que alguns deles chegam à casa de milhões de inscritos. Esse acompanhamento, embora sistemático, foi realizado de maneira artesanal, ou seja, não houve coleta massiva de dados e sim a análise qualitativa de alguns dos vídeos postados pelos youtubers. A escolha do youtube em detrimento de outras redes sociais se relaciona ao caráter público da plataforma (à diferença de grupos de *WhatsApp*, por exemplo); à possibilidade de compreender o discurso bolsonarista a partir de comunicações mais longas e de maneira concentrada em algumas personalidades específicas (que, muitas vezes, funcionam como pautadoras do debate no âmbito do movimento bolsonarista); à visibilidade que os influenciadores lograram adquirir por meio desses canais – o que lhes permitiu, inclusive, vitórias significativas nas eleições de 2022.

## O desejo inconsciente de catástrofe

Na semana do primeiro turno eleitoral de 2022, Camila Abdo, do canal *Direto aos Fatos* (Canal Direto aos Fatos, 2022), publicou um vídeo<sup>2</sup> chamando a atenção para supostos ataques da facção criminosa denominada PCC (Primeiro Comando da Capital) durante as eleições. Segundo a influenciadora, sua fonte seria uma reportagem do programa de Datena, da Rede Bandeirantes de televisão:

<sup>2</sup> Esse vídeo foi excluído do canal, mas estava disponível à época de elaboração do artigo. O áudio do vídeo consta no arquivo da pesquisadora.

[...] foi achada uma carta dentro da cela de um dos integrantes do PCC determinando ataques a juízes, autoridades, candidatos, enfim, até o dia 2 de novembro para mexer nas eleições aqui no Brasil. Não se esqueçam que foi ordem do TSE desarmar a população justamente nessa época. E o Alexandre de Moraes ainda quer fechar clube de tiro [...] (Canal Direto aos Fatos, 2022).

A associação entre essa possibilidade de ataques do PCC e a decisão do Tribunal Superior Eleitoral de proibir o porte de armas durante a votação é feita como se fosse uma obviedade e faz parte da forte investida dos canais bolsonaristas para ligar o Partido dos Trabalhadores a associações criminosas, bem como serve para imputar ao judiciário brasileiro a designação de comunista, a partir da lógica do ‘marxismo cultural’. De acordo com essa perspectiva bastante divulgada, a esquerda brasileira teria deixado de lado a atuação junto aos trabalhadores e teria optado por ocupar postos-chaves na imprensa, judiciário, educação etc. Disseminado principalmente por Olavo de Carvalho<sup>3</sup> no Brasil, esse aspecto molda o discurso bolsonarista e também serve para precipitar o desejo suicidário generalizado (cf. ‘infra’). A ideia de que a esquerda teria o domínio de todas as esferas deixa apenas a destruição generalizada como alternativa.

A pauta ‘cultural’ também se faz presente em muitos vídeos do youtuber Gustavo Gayer, eleito deputado federal nas eleições de 2022. Em uma<sup>4</sup> de suas entradas, ele mostra um vídeo aleatório, de uma mãe e suas crianças conversando, em inglês, dentro de um carro. Não sabemos de que país são as pessoas. Entre si, as crianças dizem que Jesus era bissexual e não-binário. A mãe entra na conversa e pergunta por quê. As crianças afirmam que ele é bissexual porque ama todas as pessoas, homens e mulheres. E seria não-binário porque usa vestido. A mãe pergunta se as crianças aprenderam aquilo na escola e elas respondem que sim. Muito indignado, Gayer faz o seguinte comentário:

[...] Uma guerra contra o cristianismo. Eles estão em guerra contra nossa fé. Isso é um absurdo, deveria ser considerado um crime. Se esses professores fossem lá para a Arábia Saudita, fossem lá para a Líbia, fossem para países do Oriente Médio, Iraque, Irã [...] Vai lá no Irã e fala lá no Irã que Mohamed Maomé era bissexual e não-binário, vai lá e fala isso. Veja o que aconteceria com esses professores se eles fossem para lá. Destroem [...] querem destruir o cristianismo. Justamente a fé que deu essa base da liberdade individual, da democracia, de cada indivíduo tendo o seu valor porque cada um é uma faísca divina, é uma criação de Deus. Pega isso e destrói. Agora as religiões que tentam nos destruir, eles protegem. [...] (Canal Papo Conservador, 2021)

Implicitamente, o influenciador incita uma reação radical do cristianismo a essas terríveis forças – uma reação que se pautou em um fundamentalismo religioso presente em países como o Irã, por exemplo. Um terceiro vídeo foi postado no Canal Hipócritas (2020), que produz esquetes de humor bastante ácidas, ironizando valores da esquerda. Nesse caso, trata-se de um vídeo sobre linguagem inclusiva, por eles denominada linguagem neutra. Primeiro, o apresentador começa cantando um hino religioso, que logo ele corrige para uma linguagem inclusiva. Depois ele inicia um discurso sobre uma nação imaginária, “[...] sem religião, sem patriarcado, heteronormatividade, sem homem, sem mulher, sem gênero, apenas seres humanos... seres humanes” (Canal Hipócritas, 2020). Em dado momento do vídeo, que dura 3 minutos e 20 segundos, aparece o seguinte trecho, em entonação irônica:

Era uma vez uma nação onde ninguém é pressionado por uma tradição fundamentalista como família. Onde eu não preciso ter filhos, posso ter cachorros ou plantas ou nada, se eu quiser. Era uma vez uma nação com fronteiras abertas para qualquer outra nação, qualquer outro povo. Porque já não somos mais nações, já não somos mais povos, somos uma grande nação, somos um grande povo, todos humanes. Era uma vez um povo com as fronteiras abertas, desarmado física e intelectualmente. Livres da religião e com poucos ou nenhum filho. Homens feminilizados e frágeis que recebem de braços abertos em seu território outro povo, como o muçulmano, por exemplo, que, armado, patriarcal, verdadeiramente machista, religiosamente extremista, declaradamente homofóbico, em poucas décadas altera a nossa lei, transforma homossexualidade em crime passível de morte, subjuga nossos homens feminilizados, tomam nossas mulheres, impõem a sua religião [...] (Canal Hipócritas, 2020).

Aqui, implicitamente, também aparece o desejo inconsciente (ou, ao menos, a perspectiva) de que uma força externa mais poderosa e destrutiva se imponha e imploda toda a sociedade brasileira, submissa à ‘terrível’ linguagem inclusiva. Esses exemplos se referem a questões muito recorrentes nos vídeos de youtubers bolsonaristas. De diferentes maneiras – empregando humor, pretendo tom jornalístico ou comentários pretensamente especializados – eles abordam eleições, família, sexualidade, fé. Os exemplos possuem em comum

<sup>3</sup> Há quem defenda que a ideia de marxismo cultural tenha sido moldada inicialmente nos Estados Unidos dos anos 90 (Mirrless, 2018). Porém, há também a perspectiva oposta de que essa ênfase na dimensão cultural seja uma contribuição autônoma e original da direita brasileira, já bastante presente no início do século XX (Wink, 2021).

<sup>4</sup> Esse vídeo foi excluído do canal, mas estava disponível à época de elaboração do artigo. O áudio do vídeo consta no arquivo da pesquisadora.

o traço catastrofista mencionado acima. Sem preocupação alguma com a contextualização, o medo é suscitado, nomeado e direcionado ao inimigo em comum, que ora se reveste em membros do judiciário, ora em professores, ora em religiões não-cristãs. Mas ao final, já não há a preocupação em projetar algo que substitua o domínio da esquerda; prevalece, ao contrário, um generalizado desejo destrutivo.

É certo que o desejo bolsonarista de catástrofe não aparece necessariamente de maneira explícita. Contudo, ele sustenta todo um imaginário, que projeta a existência de um sistema diabólico contra o qual é necessário promover uma cruzada civilizatória:

Não é acidental que todos os agitadores fascistas insistam na iminência de catástrofes de alguma espécie. Enquanto advertem de perigos iminentes, eles e seus seguidores se excitam com a ideia da ruína inevitável, sem sequer diferenciar claramente entre a destruição de seus inimigos e de si mesmos. (Adorno, 2015, p. 152).

Adorno não foi o único a notar esse traço em movimentos radicais de direita. De diferentes pontos de vista, pensadoras e pensadores diversos têm destacado esse fenômeno, seja no fascismo clássico, seja em atuações da extrema direita ontem e hoje. Em relação ao fascismo clássico, podemos mencionar, por exemplo, Hannah Arendt (2013), Michel Foucault (1999), Roger Money-Kyrle (2015, 2015a), Gilles Deleuze e Félix Guattari (1999); no caso do trumpismo estado-unidense, Wendy Brown (2019) e, no Brasil contemporâneo, Vladimir Safatle (2020, 2021). Não tenho a pretensão de recuperar todas essas reflexões no presente texto em sua complexidade e especificidade histórica e teórica, mas gostaria de interpelar algumas delas na tentativa de compreender o traço autoimolador na prática propagandista do bolsonarismo, principalmente a que vem sendo veiculada em canais de youtube. Para além da perspectiva fatalista, baseada na atuação dos youtubers, argumento que o discurso bolsonarista tem um forte caráter suicida, a exemplo de outros movimentos radicais de direita – seja no caso do fascismo clássico, seja em contextos formalmente democráticos.

Especialmente durante o ápice da pandemia de Covid-19, foi possível acompanhar um investimento do bolsonarismo contra os próprios interesses de autoconservação. Naquele momento, abundaram situações nas quais é possível observar a mistura intrigante entre terror e beleza, “[...] o delírio do extermínio mascarado de salvação” (Adorno, 2015, p. 152). Em muitos vídeos de youtubers bolsonaristas, é quase como se a situação pandêmica fosse de algum modo festejada e fomentada, longe de combatida e amenizada. Ao defender a liberdade contra medidas de contenção da pandemia, a imunidade de rebanho, a não obrigatoriedade de vacinação e o assim chamado ‘tratamento precoce’, mesmo depois de comprovada sua não efetividade, bolsonaristas flertaram inconscientemente com a própria aniquilação. O influenciador Bernardo Küster, por exemplo, emprega neologismos como *pandemídia*, *pandeminions* etc. Como todos os outros youtubers bolsonaristas observados pela presente pesquisa, ele se posicionou enfaticamente contra qualquer medida de contenção do coronavírus. Há um vídeo de março de 2021 em que ele busca justificar essa posição a partir de dados de mortes em favelas do Rio de Janeiro. Ao analisar esses dados, Küster argumenta que comunidades como Rocinha, Complexo da Maré, Alemão etc. estariam em situação muito melhor do que São Paulo, países europeus etc. Numa espécie de ato falho fúnebre, em dado momento, ele afirma “[...] eu quero saber cadê os caminhões carregando mortos” (Canal Bernardo Küster, 2021). Não por acaso, uma das *lives* conduzidas pelo canal de Bernardo Küster durante as eleições de 2022 se chama, sintomaticamente, ‘O Brasil e a eleição do fim do mundo’.

Podemos também pensar na defesa ardorosa do armamento da população por parte do bolsonarismo. Nesse caso, também está presente uma forte dimensão de autossacrifício, mesmo que o ritual explicitado seja o da aniquilação do inimigo e não de si próprio. Todos os riscos de uma sociedade fortemente armada, sejam públicos seja no interior de casas com crianças, são ignorados. É comum que influenciadores insiram em seus vídeos a recomendação para que seus seguidores se armem. Utilizando a retórica liberal da extrema direita, a influenciadora Valéria Bernardo, uma das grandes defensoras das medidas de liberação armamentista, afirma ao transmitir uma manifestação do movimento pró-armas: “não é sobre armas, é sobre liberdade” (Canal Valéria Bernardo, 2022).

Mas talvez em nenhuma outra dimensão esteja tão presente essa excitação destrutiva do que na forma como o bolsonarismo tem manipulado elementos das religiões neopentecostais. Um dos influenciadores mais ativos nessa prática é Nikolas Ferreira, o jovem youtuber eleito com o maior número de votos para deputado federal nas eleições de 2022. Em uma série de palestras, todas seguindo mais ou menos o mesmo roteiro olavista de denúncias contra a esquerda e suas práticas de ‘marxismo cultural’, o youtuber defende abertamente que Jesus não seria esse ‘frouxo’ defendido pela esquerda, não teria vindo ao mundo para acabar com a pobreza ou repartir o pão (Canal Cathedral International, 2022). Ferreira insiste que “[...] estamos em

guerra [...]” e que “[...] Deus é o senhor dos exércitos [...]”; ao contrário do que a esquerda proclama, “[...] Jesus não é um socialista [...]”; ele não seria um leãozinho, um “[...] tangafrouxa” (Canal Oitava Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte, 2022).

De onde vem o apelo tão grande dessa retórica bélica, destrutiva e distópica? Afinal, como é também típico em movimentos de extrema direita<sup>5</sup>, o bolsonarismo não apresenta um projeto para se opor ao suposto caos reinante. Ao contrário, o caos é antecipado via retórica justamente para que não haja espaço para estabilização – como sustentava Hannah Arendt, a ideia de manter tudo em movimento, mesmo quando os riscos se voltam contra os próprios filhos, também é central no fascismo (Arendt, 2013). Não é diferente no caso do bolsonarismo, seu fascismo latente (Cohn, 2022) e suas táticas de guerra híbrida (Leiner, 2020). O fomento ao ódio ao ‘inimigo’ configura-se como a forma elementar de não deixar que nada se estabilize. Nisso, ao mesmo tempo, consegue-se que momentos reflexivos sejam afastados do horizonte.

### Sociopsicologia da propaganda bolsonarista

O principal interesse dessa reflexão está na propaganda bolsonarista. As análises que vêm sendo feitas em torno dessa temática indicam que há uma orquestração subterrânea na prática de disseminação da ideologia bolsonarista (Cesarino, 2020; Rosa, Ângelo, & Braga, 2021). Não se trata somente de agitadores isolados. Ao acompanhar os canais de youtubers bolsonaristas também é possível notar nitidamente como os principais influenciadores estão conectados entre si, atuam em sintonia e diálogo, embora tenham estratégias e níveis de radicalismo relativamente diferenciados. Por conta dessa orquestração, tenho optado por empregar o conceito de propaganda para pensar a atuação bolsonarista no youtube. Os estudiosos da propaganda, desde aqueles que se dedicaram aos regimes fascistas até aqueles que observaram a organização de radicalismos de direita, costumam apontar a combinação entre um caráter regressivo, irracional e emocional e o uso intenso da técnica como aspecto central (Kracauer, 2012; Adorno, 2019; Fielitz & Marcks, 2020). O caráter apocalíptico da propaganda bolsonarista feita pelos youtubers também possui essas características.

Ao lidar com a propaganda nazista nos anos 30, o psicanalista inglês Roger Money-Kyrle (2015) argumentou que o ‘mecanismo de projeção’, por meio do qual os inimigos internos são expulsos para o mundo externo, é despertado por momentos sociais causadores de estresse, resultando em uma espécie de paranoia coletiva:

Ele é a principal causa das ilusões de perseguição na paranoia. O paranoico é intensamente suspeito; ele vê a mão escondida de algum inimigo em quase tudo que acontece, e interpreta o gesto mais amigável como parte de um plano profundamente planejado para promover sua destruição (Money-Kyrle, 2015, p. 164).

Conforme Money-Kyrle (2015), a propaganda autoritária geralmente opera em três momentos psíquicos: começa com a autopiedade, quando a força do inimigo é destacada; em seguida é fomentado um ódio por essa situação e, por fim, conclama-se à unidade, ressaltando a força do grupo. Nessa última etapa do discurso propagandista, as pessoas seriam transportadas para a psicose. Assim, não basta substituir o inimigo interno pelo externo, é necessário converter o perseguidor interno em um pretenso aliado, que confere a força necessária para lidar com os grandes opositores externos.

Ainda de acordo com Money-Kyrle (2015), do ponto de vista psíquico, a propaganda induziria a uma série de psicoses temporárias, começando com uma depressão (quando o elemento vitimista se sobressai) e passando, via paranoia, a um estado maníaco de felicidade, que impele à ação. Em muitos vídeos de youtubers bolsonaristas é possível acompanhar esse processo. Talvez seja possível acrescentar a esses passos destacados por Money-Kyrle (2015) o fato de que eles são acompanhados pelas ‘fantasias de declínio do mundo’. Inicialmente, via antecipação de catástrofes ou por meio da exacerbação da força do inimigo. Nesse primeiro sentido, destacam-se as tentativas de associar Lula e a esquerda a países como Venezuela, Argentina, Nicarágua, ressaltando fenômenos como inflação, pobreza e perseguição religiosa. Bernardo Küster, por exemplo, um dos mais empenhados em denunciar o que chama de infiltração da esquerda na igreja católica, defende:

[...] ela [teologia da libertação] é assassina, porque ela em última análise vai promover o que está acontecendo agora na Nicarágua. Olhe para a Nicarágua, veja esses vídeos que você tá vendo do governo matando pessoas, invadindo igrejas, violentando bispos [...]. É isso que vai acontecer se a teologia da libertação vingar aqui no Brasil [...], se a teologia da libertação continuar a promover governos socialistas como do Ciro, da Marina Silva, do senhor Boulos, do Lula [...] (Canal Bernardo Küster, 2018).

<sup>5</sup> O estudo de Franz Neumann do fascismo alemão é talvez o exemplo mais clássico para demonstrar o equilíbrio precário entre organização e caos que tinha vigência no regime, especialmente na tentativa de entrelaçar forças econômicas e políticas. O conflito e o arbítrio não permitiam uma organização estável (Neumann, 2009).

Depois, em um segundo momento, prevalece uma destrutividade festiva, paradoxalmente combinada à defesa de valores, especialmente familiares e ideológicos. Um exemplo sintomático aqui é um comentário da influenciadora Paula Marisa acerca da destruição do monumento artístico conhecido como “As pedras guias da Geórgia”. Tal monumento, que possuía inscrições com “[...] 10 mandamentos modernos para conservação da humanidade”, recebia acusações por teóricos da conspiração de possuir um caráter satânico (Albeck-Ripka, 2022). Durante o vídeo, Paula Marisa lê e comenta os mandamentos, fazendo associações aleatórias com a vacina contra Covid-19, com ‘linguagem neutra’, o ex-juiz Sérgio Moro, comunismo etc. Mas ela se diz feliz, porque “[...] teve um herói que explodiu essa porcaria” (Canal Paula Marisa, 2022).

Talvez esse componente destrutivo seja um dos elementos mais importantes no angariamento e mobilização de seguidores no âmbito do bolsonarismo. Nesse sentido, de acordo com os pressupostos teóricos que busco mobilizar nessa reflexão, não é a despeito do ‘e daí, não sou cozeiro’ (expressão utilizada pelo presidente Bolsonaro para responder à pergunta de uma jornalista sobre o elevado número de mortos na pandemia) que os seguidores de Bolsonaro continuam ao seu lado. É justamente esse traço catastrofista que, consciente ou inconscientemente, atrai e mantém personalidades autoritárias.

Conforme demonstraram os estudos empíricos de Adorno et al. (2019), convicções políticas, econômicas e sociais costumam formar uma espécie de padrão, que expressam tendências profundas da personalidade de um indivíduo. No caso de indivíduos com tendência autoritária, esse padrão funcionaria como uma espécie de síndrome, com aspectos característicos que levam a explicações baseadas em estereótipos e sem lastro na experiência.<sup>6</sup> Mas essas ‘necessidades psicológicas’ de alguns indivíduos não explicam, por si só, movimentos radicais de direita. Tais movimentos relacionam-se ao surgimento de ideologias com raízes independentes de qualquer indivíduo singular, resultantes tanto de processos históricos como contemporâneos. De acordo com essa reflexão teórica, o que chamamos provisoriamente de bolsonarismo – ressaltando que o “[...] bolsonarismo é maior que Bolsonaro [...]” (Kalil, 2019) – seria um movimento ideológico com raízes históricas e sociais específicas, que, além disso, consegue atender determinadas necessidades psicológicas de pessoas com tendências autoritárias.

Tendo em mente o caráter crucial desse elemento ideológico (portanto, social, histórico e também geográfico) para o surgimento do autoritarismo, é possível compreender como ele favorece tendências fatalistas. Nesse sentido, Adorno, Frenkel-Brunswik e Levinson (2019), afirmam que sujeitos não preconceituosos não acreditam em ideias como a inevitabilidade da natureza ou a natureza perene de alguns traços de caráter. Ao contrário dos sujeitos preconceituosos, eles parecem “[...] relativamente livres de pulsões destrutivas e fantasias punitivas [...]”, porque “[...] olham as coisas de um modo histórico e sociológico, em vez de hipostasiar o existente como algo definitivamente dado” (Adorno et al., 2019, p. 651-652). Entre as personalidades autoritárias, por outro lado, “[...] a pulsão destrutiva subjacente diz respeito tanto a si mesmo como ao outro. A destrutividade é ‘totalitária’” (Adorno, et al., 2019, p. 636, grifo do autor). Entre os youtubers bolsonaristas, é possível perceber que a ideologia autoritária acabou potencializando esse traço destrutivo. Nesse sentido, verbos como aniquilar, arruinar, destruir, destroçar, acabar etc. abundam no léxico bolsonarista e sustentam uma espécie de carnificina retórica.

Não por acaso, Vladimir Safatle (2020), em recorrência a conceito concebido por Paul Virilio, tem chamado o governo bolsonarista de ‘estado suicidário’. Em ensaio escrito durante a pandemia e tendo como horizonte a forma de atuação do governo brasileiro, o analista afirma:

Um estado como o nosso não é apenas o gestor da morte. Ele é o ator contínuo de sua própria catástrofe, ele é o cultivador de sua própria explosão. Para ser mais preciso, ele é a mistura da administração da morte de setores de sua própria população e do flerte contínuo e arriscado com sua própria destruição (Safatle, 2020, p. 2).

Safatle (2020) tem em mente também ações concretas do governo Bolsonaro (não apenas o discurso), que possuem esse elemento destrutivo generalizado. Pensemos nas políticas de destruição da Amazônia, no negacionismo climático, na desarticulação do sistema de financiamento da pesquisa científica, no desmonte de instituições como a Funai ou a Fundação Palmares etc. (Ramos, 2021; Miguel, 2022; Instituto de Estudos Sócioeconômicos [Inesc], 2022). Também do ponto de vista da propaganda, sem outro projeto que não seja a destruição constante de inimigos, o bolsonarismo flerta o tempo todo com a catástrofe<sup>7</sup>, na mesma medida

<sup>6</sup> Esse padrão leva um indivíduo antissemita a afirmar, por exemplo, que os judeus são os culpados por determinados problemas sociais, mesmo quando a experiência desse indivíduo com sujeitos de origem judaica não sustente esse julgamento.

<sup>7</sup> Vladimir Safatle também apresenta uma discussão interessante apontando como esse elemento do “[...] gozo do sacrifício de si [...]” é destacado pela “[...] longa e dispersa tradição

em que se afirma como força contra ela. Ao elaborar teoricamente o problema da conexão entre o elemento suicidário e o fascismo, Safatle (2021) sustenta que esse elemento destrutivo e também suicidário próprio de regimes de extrema direita não poderia ser esclarecido simplesmente lançando mão do conceito freudiano de pulsão de morte. Concordo com o argumento de que tal conceito é polissêmico e não ajudaria a compreendermos a situação brasileira contemporânea.<sup>8</sup>

No entanto, é possível seguirmos a hipótese aventada por Adorno de que o apego ao catastrófico por parte de movimentos radicais de direita se relaciona a um contexto sociopsíquico no qual possibilidades narcísicas e coletivas de satisfação estão cerceadas. Entre tantas teóricas e teóricos que constataram a dimensão autodestrutiva do radicalismo de direita, Adorno provavelmente foi o que melhor reconheceu que esse aspecto provém de uma distopia ou de uma recusa à transformação da base social, aliada a uma percepção, um tanto confusa, de exclusão do ‘sistema’ (conforme retomarei no último tópico). Nesse sentido, quando olhamos para o contexto nacional, não podemos deixar de considerar que a adesão festiva bolsonarista ao fatalismo se relaciona a um contexto neoliberal de produção (ou desintegração?) de subjetividades.

Ao observar nos Estados Unidos fantasias destrutivas, niilistas e negadoras enfáticas do social, Wendy Brown (2019) elabora uma reflexão que deságua em conclusões similares àquelas aventadas por Theodor Adorno, embora trilhando por outros caminhos teóricos, históricos e geográficos. Para ela, o neoliberalismo implica a radicalização da negação do social, já presente nos ideais liberais, combinada à defesa intransigente de valores tradicionais, como a família heteronormativa e patriarcal e a religião. A autora também tenta compreender como essas duas características paradoxais se equilibram para conformar o neoliberalismo autoritário. Suas chaves conceituais são a ideia de dessublimação repressiva e de niilismo, elaboradas a partir de reflexões pautadas em Herbert Marcuse, Sigmund Freud e Friedrich Nietzsche. Resumidamente, Brown (2019) argumenta que, enquanto Nietzsche e Freud apontavam a sublimação da vontade de potência como forma de suplantar culpa e autocondenação (e assim surgiam elementos construtivos), o niilismo de uma era neoliberal exaure a consciência e libera elementos violentos, desintegradores, destrutivos.

Não há espaço para entrarmos em detalhes nessas discussões conceituais, mas o que importa para nossos propósitos é que, de acordo com Brown (2019), uma vez que fomos transformados em “[...] capital humano de cima a baixo, e também em nosso íntimo, o neoliberalismo torna a venda da alma algo cotidiano, e não um escândalo” (Brown, 2019, p. 200). Tudo isso faria com que os valores de nossa época fossem destituídos de maneira niilista, sem a pretensão de colocar valores mais elevados em seu lugar: “Talvez a negação – bruta ou moralista – seja o que resta quando os poderes que moldam o mundo parecem incontrolláveis e irrefreáveis e a catástrofe existencial parece iminente” (Brown, 2019, p. 209). Recorrendo a Nietzsche, a autora acrescenta que há algo de festivo nisso.

Um outro exemplo brasileiro talvez ajude a compreendermos esse traço aniquilador que está em questão no bolsonarismo. Em um de seus vídeos curtos, o youtuber Nikolas Ferreira apresenta um desenho de algumas pessoas separadas por uma espécie de parede de outras figuras e promove a seguinte explicação:

Esse aqui é você, isso aqui são seus familiares. Desse lado, nós temos tudo que te ataca: nós temos a TV, nós temos a literatura, a música, o sexo e as drogas. E esse muro representa seus valores, seus princípios, e esses pequenos pontos vermelhos, são os pontos que você vai negociando. Quando esse muro não está sólido, você simplesmente deixa com que isso passe. Então, quando passa por cima, você consegue enxergar. Agora quando passa em pequenas camadas aqui, começa a ser imperceptível, começa a passar para o outro lado, atingindo toda a sua família. Toda vez que você deixa de se posicionar, você se torna só uma peça no sistema da esquerda. [...]. Estamos em guerra e chegou a hora de nos armar (Canal Nikolas Ferreira, 2022).

O discurso segue mais ou menos os mesmos passos apontados por Roger Money-Kyrle (2015). Vitimização, incitação ao ódio (contra a esquerda), convocação à guerra. Curioso é que os inimigos são quase o mundo todo. De um lado, estão “os conservadores”, de outro, “tudo o que os ataca”. Em outro vídeo, o youtuber afirma: “o cristão, ele não tá em perigo quando o mundo odeia ele, o cristão tá em perigo quando o mundo ama ele” (Canal Nikolas Ferreira, 2021). De fato, a mensagem implícita sugere que é o mundo todo que precisa ser destruído. As fantasias de destruição do mundo estão por detrás desse discurso simultaneamente religioso e niilista. Não se trata apenas de promover um comportamento ascético de evitação do mundo, como foi defendido pelas religiões calvinistas (Weber, 2004). No discurso bolsonarista, as armas, a guerra, a implosão do

dos autores que se dedicaram a descrever a economia libidinal do fascismo [...] – ainda que sob perspectivas epistemológicas diversas (Safatle, 2021, p. 137).

<sup>8</sup> “Se a pulsão de morte pode ser a base tanto de dinâmicas suicidárias quanto de processos revolucionários de transformação estrutural, se ela pode estar na base tanto das piores regressões quanto das mais desejadas transformações, então há de se perguntar sobre sua real utilidade no esclarecimento do campo do político” (Safatle, 2021, p. 149).

mundo estão sempre no horizonte. A ação no mundo é destrutiva, aniquiladora e, muitas vezes, autoimoladora, porque não distingue entre a destruição dos inimigos e a de si mesmo.

### Considerações finais: Sociedade incapaz de produzir utopias

Por um longo período, olhamos para esse fenômeno com um misto de incompreensão e paralisia. Afinal, como pode ser que multidões se entreguem tão eufórica ou resignadamente a esse discurso suicidário? Como mencionado, vale ter em mente o fato de que ele acompanha o pensamento radical de direita ao menos desde o fascismo clássico. Ao elaborar a perspectiva de que a sociedade nazista uniu poder disciplinar e biopoder da maneira mais historicamente potencializada, Michel Foucault lembra a famosa ordem de Adolf Hitler, que ficaria conhecida posteriormente como a ordem de Nero [*Nerobefehl*]. Essa ordem previa a autodestruição de toda infraestrutura alemã<sup>9</sup> em caso de derrota iminente. Por isso, a Alemanha nazista teria configurado o exemplo supremo de “Estado racista, Estado assassino, Estado suicida” (Foucault, 1999, p. 311). Para Foucault, a destruição de outras raças no nazismo também implica expor a própria raça à destruição total: paradoxalmente, isso reforça a obediência. Mais recentemente, Achille Mbembé tem procurado atualizar a perspectiva biopolítica do filósofo francês indicando que a definição de política como “[...] relação bélica por excelência [...]” (Mbembé, 2016, p. 129) possui diferentes fontes na modernidade, não apenas o nazifascismo. Há que se lembrar especialmente da escravidão colonial como fonte do terror moderno. Explorando essas raízes históricas, a concepção de necropolítica procura compreender a soberania em sua associação com o terror, com a eliminação do outro – aspecto que desponta de maneira explícita na lógica contemporânea da direita radical mundo afora.

No caso do Brasil contemporâneo, conforme mencionado anteriormente, procuro sustentar a hipótese, já de algum modo defendida por pensadores como Adorno ou Money-Kyrle, de que esse tipo de adesão massiva à destrutividade tem relações com momentos sociais causadores de estresse (Money-Kyrle, 2015, p. 164) ou com momentos nos quais muitas pessoas não “[...] veem nada diante de si” (Adorno, 2019, p. 20). Para atualizar essas perspectivas, é necessário termos em mente o cenário neoliberal contemporâneo, no qual a “[...] catástrofe existencial parece iminente” (Brown, 2019, p. 209).

Ao trabalhar com a ideia de uma psicopolítica, Byung-Chul Han (2020) defende a perspectiva de que o neoliberalismo transformou as pessoas em escravizadas absolutas, que prescindem de um senhor. Para ele, a autoexploração impede o surgimento da resistência, pois quando os sujeitos fracassam, eles se culpam e se envergonham. É como se a agressão se voltasse às próprias pessoas. Além disso, para Han (2020), esse poder psicopolítico do regime neoliberal opera em segredo: o contexto de dominação permanece escondido e as pessoas pensam-se livres. Para elaborar essa reflexão, o autor também considera a atuação de algoritmos e sua conformação notadamente afetiva<sup>10</sup>.

É esse sujeito que parece agora incapacitado pelo neoliberalismo de produzir utopias. A adesão massiva ao catastrofismo passa, de acordo com a hipótese teórica que procuro sustentar, por esse tipo de horizonte francamente distópico. É sintomático que no discurso bolsonarista se torne difícil distinguir entre salvação e aniquilamento. Embora não seja o foco empírico dessa pesquisa, cito as palavras anônimas de uma bolsonarista, enviadas via *WhatsApp* em um grupo de família: “Estamos caminhando para o princípio do fim. Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça o que a voz do Espírito diz as [sic] igrejas. Esta geração foi escolhida para presenciar o arrebatamento da igreja.” A mensagem vinha acompanhada de um link para um texto intitulado ‘A nova ordem mundial na bíblia’ (Costa, s/d), que tem como principal mote a articulação entre as previsões do apocalipse e o mundo contemporâneo.

Esse clima apocalíptico, que o bolsonarismo soube manipular em seu favor ao colonizar igrejas neopentecostais, encontra consonâncias muito fortes no traço catastrofista típico dos movimentos radicais de direita. Ao discorrer sobre o estado suicidário nazista, Deleuze e Guattari (1999, p. 113) sustentam que é curioso que “[...] os nazistas anunciavam para a Alemanha o que traziam: núpcias e morte ao mesmo tempo, inclusive a sua própria morte e a dos alemães”. Esse desejo de ‘arriscar tudo a cada vez’ ecoa no bolsonarismo, especialmente via antecipação do apocalipse e do que denominam ‘nova ordem mundial’.

<sup>9</sup> “Todos os transportes militares, comunicações, instalações industriais e de abastecimento, bem como todos os bens materiais dentro do território do Reich, que o inimigo possa de alguma forma usar imediatamente ou em um futuro previsível para continuar sua luta, devem ser destruídos” (Hitler apud Heikens, 2022, p. 7).

<sup>10</sup> Nesse artigo, especificamente, não foi possível elaborar extensamente o papel das redes sociais na disseminação, típica do bolsonarismo, das ‘fantasias de fim de mundo’, porém, vale ao menos mencionar que o fato dessas redes serem eminentemente afetivas (Han, 2020) e cercearem a reflexão contribui notadamente para os processos que estamos analisando.

A ideia do ‘arrebato’ presente no discurso bolsonarista, especialmente quando vinculado à religião, tem um teor megalomaniaco<sup>11</sup>, que tomou formas sociais em grupos da sociedade brasileira que não querem a transformação social, mas também possuem uma vaga e bastante confusa noção de que o ‘sistema’ não os acolhe. Eles não nomeiam esse sistema como neoliberal, obviamente. Ao contrário, saem em busca da defesa do neoliberalismo como a ordem da liberdade ilimitada, como é possível acompanhar muito taxativamente nos discursos de youtubers (Affonso, 2022). De qualquer forma, essa identificação paradoxal com o sistema opressivo, somada àquela noção bastante confusa de que não fazem parte (do discurso científico, do saber literário e artístico, do conhecimento filosófico etc.) deixa o desejo de catástrofe, a ânsia pelo fim, como única alternativa possível.

A frase postada no twitter pelo youtuber Bernardo Küster logo após as eleições de 2022 apresenta uma metáfora sintomática para essa distopia generalizada pelo bolsonarismo: “Tá um clima bem estranho no ar. Um amigo acaba de me confessar que está com a mesma sensação: o mar sumiu da praia como fosse antes de uma (sic) tsunami” (Küster, 2022). É como se o bolsonarismo estivesse sempre ansiando por esse tsunami, que operaria uma destruição generalizada do mundo no lugar de sua reforma. Um autoritarismo suicidário como esse só pode estar ancorado em ressentimentos de proporções avassaladoras. Rahel Jaeggi (Fraser & Jaeggi, 2021) lembra, na esteira de Max Scheler, que o ressentimento não surge direta e objetivamente da falta de bens ou recompensas sociais, mas de uma situação que é avaliada como ruim, injusta, uma situação de indignação. Além disso, ela também argumenta que o ressentimento é um sentimento de impotência, mas não a impotência diante de um problema de primeiro grau, sim a “[...] impotência ou incapacidade de expressar o próprio sentimento de indignação ou ofensa” (Fraser & Jaeggi, 2021, p. 297).

Nesse sentido, as utopias que a sociedade brasileira construiu no seu período de ‘neoliberalismo progressista’ (Fraser, 2017) foram, por um lado, insuficientes e frágeis para fomentar um clima ideológico forte o bastante a ponto de impedir o surgimento de uma poderosa contrarreação. Por outro, elas suscitaram o fortalecimento de ressentimentos de teor niilista e autoritário, dirigidos à dimensão progressista desse período e não à neoliberal. De certo modo, aquelas utopias não foram nem tão fortes para promover transformações substantivas e pautadas tanto em mecanismos de reconhecimento como de redistribuição, nem tão fracas para passarem despercebidas entre os defensores de uma sociedade patriarcal, heteronormativa e branca.

Nikolas Ferreira, Gustavo Gayer, Bernardo Küster, Paula Marisa, Valéria Bernardo, Camila Abdo e tantas e tantas outras pessoas atuando no youtube em favor do discurso bolsonarista são algumas das vozes incapazes de expressar de outra forma sua condição de exclusão do ‘sistema’ (como eles gostam de dizer). Elas só conseguem ecoar na internet um ressentimento autoritário tão forte, niilista e exacerbado, que não cria nada, apenas implode tudo e, nisso, muitas vezes também fomentam o autossacrifício.<sup>12</sup> Porque não possuem nenhuma força construtiva, podem pautar todo seu empenho na destruição, mesmo quando ela toma forma generalizada e implica o autossacrifício. Nesse sentido, durante o período de 2020 a 2022 em que os canais de youtube bolsonaristas foram acompanhados vimos ecoar aspectos próprios aos discursos potencialmente fascistas que foram detectados por diferentes teóricos tanto em contextos abertamente fascistas como em períodos formalmente democráticos.

## Agradecimento

Ao professor Sergio Silva (*in memoriam*), que me deu o futuro

## Referências

- Adorno, T. W. (2015). *Ensaios sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo, SP: Unesp. Tradução de Verlaine Freitas.
- Adorno, T. W. (2019). *Aspekte des neuen Rechtsradikalismus*. Berlin, DE: Suhrkamp.
- Adorno, T. W., Frenkel-Brunswik, E., & Levinson, D. J. (2019). *The authoritarian personality*. London, UK: Verso.

<sup>11</sup> Money-Kyrle (2015: 384) argumenta que, psicologicamente, a megalomania ocorre quando, por conta de processos psíquicos internos, o “eu” deseja tomar o lugar do “supereu”, enquanto o “isso” se empenha de forma invejosa em destruir ambos. Para se defender, o “eu” utiliza o mecanismo da projeção: “ele vê ambas as partes hostis, tanto o supereu como o isso, nas pessoas que acredita, frequentemente de forma equivocada, que são hostis ao seu status”.

<sup>12</sup> Para Brown, o ressentimento surgido do destronamento e não da fraqueza é um “ressentimento puro sem a guinada em direção da disciplina, da criatividade e, finalmente, sem o domínio intelectual que, para Nietzsche, remonta à moralidade de escravos na edificação da civilização judaico-cristã” (Brown, 2019: 217).

- Affonso, L. C. N. (2022). *Neoliberalismo e propaganda política de extrema direita nas redes sociais* (Relatório PIBIC/UFPA). Belém, PA: UFPA.
- Albeck-Ripka, L. (2022, julho 6). Explosion destroys mysterious monument in Georgia, authorities say. *New York Times*. Recuperado de <https://www.nytimes.com/2022/07/06/us/georgia-guidestones-explosion.html>
- Arendt, H. (2013). *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Brown, W. (2019). *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo, SP: Editora Filosófica Politéia.
- Canal Bernardo Küster. (2018, julho 20). *Nicarágua hoje: perseguição cristã e ditadura socialista*. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=zPrIXI7YBd4>
- Canal Bernardo Küster. (2021, março 13). *A verdade (oculta) do vírus na favela* [YouTube Channel]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=Rqir8SYhC10>
- Canal Cathedral International. (2021, janeiro 22). *Governe. Nikolas Ferreira. Cathedral International* [YouTube Channel]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=-9Hk-4Vuk7Y>
- Canal Direto aos Fatos. (2022, outubro 1). *Pcc pretende atacar durante as eleições* [YouTube Channel]. Recuperado de <https://www.youtube.com/shorts/AJaCUXErQ1s>
- Canal Hipócritas. (2020, setembro 20). *Pronomes neutros – elu-elx* [YouTube Channel]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=clmj-UI-J7g>
- Canal Hipócritas. (2020, setembro 06). *Hipócritas* [YouTube Channel]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=8RL0ePr66SM>
- Canal Lights. (2021, outubro 25). *Canal lights visita o congresso conservador da revista direita Br (Canal Lights Entrevista #45)* [YouTube Channel]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=tCASqr9Yla8>
- Canal Nikolas Ferreira. (2021, fevereiro 16). *Seja inconformado* [YouTube Channel]. Recuperado de <https://www.youtube.com/shorts/3UwfCwMdzY4>
- Canal Nikolas Ferreira. (2022, março 19). *Desenhando para todo mundo entender... Conto com você!* [YouTube Channel]. Recuperado de <https://www.youtube.com/shorts/jVtOjoFGZL8>
- Canal Oitava Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte. (2022, março 19). *O cristão e a política. Nikolas Ferreira* [YouTube Channel]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=u8ScSzYSvEc>
- Canal Paula Marisa. (2022, julho 7). *Novo governo + vitória da direita + Casagrande demitido* [YouTube Channel]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=u0jEsYmfoZA>
- Canal Papo Conservador. (s/d). *'Jesus é bissexual e não binário' – isso está sendo ensinado nas escolas*. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=wk8136pu7VQ>
- Canal Valeria Bernardo (2022, julho 9). *Brasília ao vivo – não é sobre armas é sobre liberdade* [YouTube Channel]. Recuperado de [https://www.youtube.com/watch?v=\\_Pfe4yuaZI4](https://www.youtube.com/watch?v=_Pfe4yuaZI4)
- Cesarino, L. (2020). Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, 1(1), 91-120.
- Cohn, G. (2022). Fascismo latente. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, 1(116), 37-52.
- Costa, M. (s/d). *A nova ordem mundial na Bíblia*. Recuperado de <https://biblia.com.br/perguntas-biblicas/a-nova-ordem-mundial-na-biblia/>
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1996). *Mil Platôs* (Vol. 3). São Paulo, SP: Editora 34.
- Han, B.-C. (2020). *Psicopolítica. O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte, MG: Âyiné.
- Fielitz, M., & Marcks, H. (2020). *Digitaler faschismus. die sozialen medien als motor des rechts-extremismus*. Berlin, DE: Dudenverlag.
- Foucault, M. (1999). Aula de 17 de março de 1976 (sobre biopoder). In M. Foucault, *Em defesa da sociedade* (p. 285-315). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Fraser, N. (2017). *The end of progressive neoliberalism*. Recuperado de <http://bresserpereira.org.br/terceiros/2017/fevereiro/17.02-End-of-Progressive-Neoliberalism.pdf>
- Fraser, N., & Jaeggi, R. (2021). *Kapitalismus: ein gespräch über kritische theorie*. Berlin, DE: Suhrkamp.
- Heikens, S. (2022). *Man möchte doch jetzt noch nicht sterben!* Norderstedt, DE: BoD – Books on Demand.
- Instituto de Estudos Sócioeconômicos [Inesc]. (2022). *Fundação anti-índigena: um retrato da Funai sob o governo Bolsonaro*. Brasília, DF: Ina; Inesc.

- Kalil, I. (2019, julho 29). 'O bolsonarismo é maior que Bolsonaro': projeto punitivista admite o intolerável e ameaça democracia. *Sul21*. Recuperado de <https://www.sul21.com.br/areazero/2019/07/o-bolsonarismo-e-maior-que-bolsonaro-projeto-punitivista-admite-o-intoleravel-e-ameaca-democracia/>
- Kracauer, S. (2012). *Studien zu massenmedien und propaganda* (Vol. 2.2). Berlin, DE: Suhrkamp.
- Küster, B. P. (2022, novembro 5). *Ta um clima bem estranho no ar. Um amigo acaba de me confessar que está com a mesma sensação: o mar sumiu da praia como fosse antes de uma tsunami* [Tweet]. Recuperado de <https://twitter.com/bernardokuster2/status/1589015588386394112?lang=pt>
- Leiner, P. (2020). *O Brasil no espectro de uma guerra híbrida: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica*. São Paulo, SP: Alameda.
- Mariani, D., & Takahashi, F. (2019, maio 6). GPS ideológico. Análise do debate político no Twitter. *Folha de São Paulo*. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://temas.folha.uol.com.br/gps-ideologico/>
- Mbembé, A. (2016). Necropolítica. *Arte e Ensaios*, 2(32), 123-151.
- Miguel, J. C. H. (2022). A 'meada' do negacionismo climático e o impedimento da governamentalização ambiental no Brasil". *Sociedade e Estado*, 37(1), 293-315.
- Mirrless, T. (2018). The alt-right's discourse of 'cultural marxism': a political instrument of intersectional hate. *Atlantis Journal*, 39(1), 49-69.
- Money-Kyrle, R. (2015). The psychology of propaganda (1941). In R. Money-Kyrle, *The collected papers of Roger Money-Kyrle* (p. 160-175). Londres, UK: The Harris Meltzer Trust.
- Money-Kyrle, R. (2015a). Megalomania (1965). In R. Money-Kyrle, *The collected papers of Roger Money-Kyrle* (p. 376-388). Londres, UK: The Harris Meltzer Trust.
- Neumann, F. (2009). *The structure and practice of national socialism, 1933-1944*. Chicago, IL: Ivan R. Dee.
- Papo Conservador com Gustavo Gayer. (2020, agosto 16). *Filhos não pertencem aos pais – de acordo com STF* [YouTube Channel]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=dxNcqfQRqI0>.
- Ramos, A. (2021). Amazônia sob Bolsonaro. *Aisthesis*, 1(70), 287-310. DOI: <http://dx.doi.org/10.7764/aisth.70.13>
- Rocha, C. (2018). *'Menos Marx, mais Mises': uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018)* (Tese de Doutorado em Ciência Política). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Rocha, J. C. C. (2021). *Guerra cultura e retórica do ódio (crônicas de um Brasil pós-político)*. Goiânia, GO: Caminhos.
- Rosa, P. O., Ângelo, V. A., & Braga, T. (2021). Novíssimas direitas e a política na era da pós-verdade: uma análise da guerra cultural. *Simbiótica*, 8(2), 187-216.
- Safatle, V. (2020). *Bem-vindo ao Estado suicidário*. São Paulo, SP: N-edições.
- Safatle, V. (2021). Estado suicidário, fascismo e problemas no uso político do conceito de pulsão de morte. In D. Teperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli, *Tempo* (p. 137-154). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Weber, M. (2004). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Wink, G. (2021). *Brazil land of the past: the ideological roots of the new right*. Cuernavaca, MX: Bibliotópia.